

Os grandes problemas éticos da Medicina Contemporânea*

Pensando como Costa Pinto não é tarefa fácil falar dos problemas éticos da Medicina Contemporânea, numa época em que a ética está submetida a constante repensamento e reflexão sobre si mesmo e a medicina e biologia se encontram em extraordinário e rápido desenvolvimento, colocando novos problemas e trazendo novas perspectivas aos antigos.

Não é tarefa fácil falar dos problemas éticos da Medicina Contemporânea numa época em que muitos se esforçam por apagar a dimensão ética da realidade humana, proclamando e vivendo uma atitude «amoral», e em que a ciência médica, se vai tornando cada vez mais «tecnicizada», «burocratizada» e menos humana.

Mas talvez sejam estas dificuldades que constituíram as razões, para tentar oferecer um modesto contributo à complexa problemática da ética médica, resolvendo propor-me para falar sobre os grandes problemas éticos da Medicina Contemporânea.

O médioco-sacerdote Esculápio (Asclépio) que parece ter vivido na Grécia, cerca de 600 anos A.C., escreveu alguns conselhos, para os médicos de então de que iremos transcrever algumas partes.

«Terás de renunciar à tua vida privada. Enquanto que todos os cidadãos quando terminam o dia de trabalho não são mais importunados, a tua porta ficará sempre aberta a todos, a toda a hora do dia e da noite virão perturbar o teu descanso, teus prazeres, ou a tua meditação. Já não terás horas para dedicar à tua família, à amizade ou ao estudo. Já não pertencerás a ti mesmo...».

* Conferência proferida na mesa redonda «O homem e as ciências da natureza», realizada no dia 2 de Fevereiro de 1985 na inauguração da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa.

«Os pobres, habituados a padecer, não te chamarão a não ser em casos de urgência. Mas os ricos te tratarão como um escravo, seja por terem uma indigestão, uma constipação, fazendo-te por isso despertar a toda a pressa. Terás de mostrar interesse pelos pormenores mais vulgares da sua existênciaz, decidir o que hão-de comer, ou como hão-de andar quando se passeiam. Não poderás ir ao teatro nem estar doente...».

«Eras severo na escolha dos teus amigos, procurando homens de talento, artistas e almas delicadas; a partir daqui não poderás evitar indivíduos com pouca inteligência e indivíduos desprezíveis. Prolongar vidas nefastas é o segredo da tua profissão».

«Sentes a paixão de verdade e já não a poderás dizer, visto que terás de ocultar a alguém a gravidade do mal, a outros a sua insignificância».

«Não contes como agradecimento; quando o doente se cura, a cura é devida à robustez. Se morre fostes tu que o mataste. Enquanto está em perigo trata-te como um Deus, suplica-te. Se está em convalescença, já o estorvas.»

Não penses que esta profissão te torna rico, visto que é um sacerdócio.

«Todos os teus sentidos serão maltratados. Terás de encostar o teu ouvido a peitos sujos e com suor, respirar maus cheiros, curar chegadas cheias de pus, contemplar urnas».

«Na rua, nos banquetes, no teatro, na cama, os desconhecidos, os teus amigos te falarão das suas doenças e te pedirão um remédio. O mundo te parecerá um grande hospital, uma assembleia de indivíduos que se queixam. A tua vida decorrerá na sombra da morte entre a dor dos corpos e das almas, dos duelos de hipocrisia que calculas na cabeça dos agonizantes.»

«Tu verás as tuas tristezas, só no meio do egoísmo humano. Não encontrarás apoio entre os médicos que te farão uma surda guerra por interesse ou por orgulho».

«Pensando bem ainda estás a tempo de escolher. Mas se fores indiferente à fortuna, aos prazeres, à ingratidão, se sabendo que te verás só entre as feras humanas, se tens uma alma bastante estóica para se satisfazer com o dever cumprido e sem ilusões; se te julgares pago ao veres uma cara que sorri porque já não sofre, como a paz de um moribundo a quem conseguiste ocultar a chegada da morte; se anseias conhecer o homem, penetrar em todo o trágico do seu destino, então faz-te médico, hoje mesmo».

O médico tem de possuir um conjunto de qualidades intelectuais e morais de aquisição difícil, mas susceptíveis de enriquecimento contínuo.

A *justiça*, consiste em não violar os direitos alheios e em dar a cada qual o que lhe pertence, regulamentando todas as relações do médico com o doente, sempre que exista um contrato entre ambos, quer seja particular, quer provenha de uma disposição pública.

A *caridade*, (consiste em não desejar a ninguém o que não queremos que nos façam), regulapois as relações do médico com o doente, sempre que entre os dois não exista qualquer contrato.

A justiça se for violada, exige reparação perante os tribunais, ao passo que a não existência de caridade, não será julgada e logo condenada em tribunais públicos e terrenos.

Nos momentos finais de um doente as atitudes do médico variam de acordo com o seu pensamento filosófico.

Se este tem horror pela morte, utiliza processos extraordinários de manutenção de vida. Se não tem e a aceita como fenómeno natural, limita-se a permitir que o doente morra com tranquilidade.

A medicina moderna é integralista, sendo o doente um «todo», e que apesar do cienticismo cada vez maior da medicina, esta não pode prescindir drasticamente da influência religiosa.

O progresso da medicina com o desenvolvimento de novas possibilidades técnicas, terapêuticas e preventivas, obriga a um constante diálogo interdisciplinar, na busca do sentido do homem e do seu bem-estar integral.

A moralidade do médico, é a sua capacidade de agir, segundo uma consciência bem formada e de tomar decisões concretas, com uma atitude íntegra, ampla visão e discernimento esclarecido.

Nas últimas décadas, observou-se um progresso notável no campo das ciências médicas, progresso possível graças ao desenvolvimento da tecnologia. Estes progressos têm levado o médico a enfrentar novas situações éticas, além das já existentes e que continuam a ser motivo de grandes polémicas, entrando nestas juristas, teólogos, escritores, além dos profissionais de saúde.

Alguns aspectos morais vinculados ao exercício da medicina continuam sendo, apesar do tempo, a ser actuais, como o aborto, o controle da fertilidade e a eutanásia.

Outros são o resultante do progresso médico dos últimos anos e exigem a elaboração de normas de conduta de aplicação universal.

A utilização de órgãos e tecidos, originam situações éticas onde intervêm receptores, dadores, familiares, membros da profissão médica e público em geral, continuando a ser ainda o grande problema a dificuldade de definir um critério exacto do momento da morte apesar do já estabelecido quase como definitivo pelo Comité da Universidade de Harward.

A hemodiálise, que conduz a grandes problemas económicos, e que leva ao conflito entre os interesses da comunidade e as necessidades do indivíduo.

A inseminação artificial, com a dificuldade legal de definir a legitimidade e o problema das relações familiares e os direitos de herança.

O controle da população mediante manipulação genética.

O aparecimento de novos fármacos e os aspectos novos da experimentação com os seres humanos.

É costume exaltar os progressos da ciência, mas a resolução destes prodigiosos progressos, podem tornar-se muito perigosos.

Será o homem capaz de sobreviver aos múltiplos benefícios das novas descobertas científicas no campo médico?

Num mundo super-povoado, com intensa pobreza em áreas extensas, ameaçado pela progressiva contaminação ambiental, homicídios, suicídios, luta racial, e até riscos de aniquilação nuclear, o médico fica confuso, na grande contradição que é, por um lado favorecer a manutenção da população e por outro a sua diminuição.

A *manutenção da população*, com a descoberta de novos agentes terapêuticos, a produção de aparelhos para prolongar e manter a vida, a utilização de órgãos artificiais, e a transplantação de órgãos.

A *diminuição da natalidade*, por outro lado, com a utilização da prática anticoncepcional, a engenharia genética, os anovulatórios orais, a contribuição da amniocentese e os movimentos crescentes para revogar as leis contra o aborto.

A *biologia molecular*, nasceu de uma nova actividade entre físicos e biólogos, ao demonstrar a existência de leis físicas especiais não verificadas na matéria inerte, havendo uma relação absoluta entre a estrutura molecular e as funções biológicas tornando-se o código genético de importância primordial.

Sabe-se hoje que uma bactéria tem cerca de 10 milhões de sinais informativos, e que o homem tem ainda mais 500 a 1000. Os 10 milhões de sinais correspondem a 2000 a 3000 proteínas e que no ser humano é ainda muito superior.

O mecanismo da hereditariedade humana, reside no código das bases pirimidínicas unidas aos ácidos nucleicos celulares, conseguindo-se já alterar o código genético em microorganismos, e podendo ser aplicado no futuro ao homem.

A *eugénia*, ciência destinada a melhorar o genotipo, é controversa grave pelos aspectos filosóficos e morais.

A *eufenésia*, ciência nova, que consiste na reprogramação das células somáticas e a modificação do desenvolvimento. Mensagens genéticas simples podem sintetizar-se quimicamente, seleccionando-se génes, obtidos de um tipo de bactéria para serem inseridos noutra, produzindo alterações genéticas nesta última e conduzindo a hipótese de fecundar um óvulo com o núcleo de uma célula cultivada, que contém a informação que se pretende transplantar.

A *engenharia genética*, pretenderá também a reprodução assexual humana, o que poderá conduzir à criação da vida.

O *conselho genético* é outro problema, tendo-se progredido no campo da patogenia e diagnóstico das doenças hereditárias: a amniocentese, permite antes do nascimento diagnosticar doenças como a fibrose quística, a fenilcetonúria, a galactocémia e o mongolismo, entre outras.

Muitos autores estão em desacordo com a utilização de técnicas de manipulação genética nos seres humanos.

Quem poderá decidir acerca do que será melhor para o homem do futuro? Quem decidirá em tais manipulações? E quem tomará a decisão de modificar por completo o futuro da raça humana?

Até onde é correcto, apesar do risco a que se submete o indivíduo ou o doente, a obtenção de conhecimentos para o benefício do indivíduo ou de outro, ou mesmo da sociedade, ao experimentar novos *agentes terapêuticos*?

Depois das atrocidades cometidas pelos médicos nazis, foi elaborado o Código de Nuremberg, baseando-se no princípio fundamental do conhecimento voluntário do indivíduo sujeito à experimentação.

A Declaração de Helsínquia, além da necessidade de obter o consentimento voluntário, a obrigação de conduzir de forma

escrupulosa a experiência, e estabelecer um equilíbrio entre os riscos relativos e os possíveis benefícios a obter mediante a investigação.

Apesar de tudo isto o que é o livre consentimento, sabendo o indivíduo aquilo que está a autorizar?

Justifica-se a utilização da experimentação humana em atrasados mentais, prisioneiros de guerra ou doente incuráveis?

Justifica-se manter a vida artificial em doentes com urémia crónica, com diálise intermitente, através de esforços do pessoal e recursos financeiros elevados?

Justifica-se gastar centenas de contos, na realização de uma transplantação, com sobrevivência curta?

A transplantação cardíaca conduz a graves problemas, como a protecção dos direitos do dador, a definição do momento da morte, a angústia e o trauma psíquico do receptor ante a possibilidade de rejeição imunológica.

O referido avanço da ciência médica, o domínio da técnica de ressucitação, as possibilidades de prolongar a vida do moribundo, põem o problema grave de manter a vida, ou de desistir e deixar morrer o doente.

É lógico manter a vida de toda a forma, utilizando drogas, múltiplas intervenções cirúrgicas, transplantação de órgãos, órgãos artificiais, hemodiálise, respiradores artificiais, «pace-makers» e tantos outros meios, causando o sofrimento de todos, além dos graves problemas económicos?

Pio XII achou, que há obrigação moral de deverem ser utilizadas medidas ordinárias, mas não extraordinárias.

A eutanásia como acto de terminar a vida do doente para aliviar o sofrimento, continua a não ser aceite em nenhum país, apesar de algumas tentativas já feitas.

Na actualidade não pode a medicina responder com certeza a todas estas questões, devendo os médicos proteger a qualidade da vida e preservar a dignidade do ser humano.

Numa altura em que o tratamento da doença exige meios altamente sofisticados, há que manter os preceitos sagrados da medicina, como o respeito pela vida e pela pessoa humana, a independência profissional do médico, a livre escolha deste pelo doente, e o direito do doente ao segredo profissional.

Parece ser de manter também e quanto à ética médica, nos problemas na medicina contemporânea o raciocínio de Browne.

«Vive de acordo com a ética tradicional e submete-te às regras clássicas de honestidade.

Não ponhas novos nomes às autênticas virtudes e vícios.

Não penses que a moral é ambulatória e que os vícios de uma geração não são os vícios de outra, ou que as virtudes podem ser derrubadas por simples opiniões».

J. A. ESPERANÇA PINA